

ARTE RUPESTRE DO NORTE DE PORTUGAL: UMA PERSPECTIVA

António Martinho Baptista *

EM MEMÓRIA DE JORGE PINHO MONTEIRO

1. CONSTATAÇÕES

Este texto visa essencialmente uma reflexão sobre o impropriamente chamado grupo Galaico-Português. Sem veicular certezas e procurando não cair no lugar comum da crítica fácil ou na repetição de teses consabidas, quase sempre arqueologicamente por fundamentar. Trabalho difícil, pois é cedo ainda para se tentar uma síntese documentada da arte pré- e proto-histórica do NW, ou mesmo do N. de Portugal, onde, de há muito, vinha sendo sentida a ausência de estudos sobre a matéria. Com efeito, pode dizer-se que os documentos permanecem, na sua maioria por redescobrir. Paradoxo que um século de pesquisas alimentou com o inventário de milhares de penedos, insculturados ou, mais raramente, pintados, distribuídos por centenas de estações. O trabalho inventariante que, desde a última década, vem sendo desenvolvido, especialmente na província de Pontevedra (GARCÍA ALÉN E PEÑA SANTOS, 1980), sendo meritório, é, porém, ainda um débil contributo para a necessária sistematização epistemológica de uma das mais controversas problemáticas da arqueologia peninsular. A perturbante ausência de consenso entre os principais investigadores, deve-se, para além da natural dificuldade que levantam as cronologias e corologias de toda a arte esquemática e abstracta, a factores vários que, sinteticamente, se podem enunciar do seguinte modo:

a) Ausência quase absoluta de estudos monográficos, etapa fundamental de uma tarefa que se pretende científica e que permitiria uma visão consequente e rigorosa dos núcleos previamente inventariados, concorrendo para a sua inter-relação arqueológica (análise *endótica*, distributiva e cultural) que ultrapasse o mero jogo tipológico. Na verdade, esta ausência tem favorecido o recurso fácil aos paralelos tipológicos que, embora pontualmente possam não ser impróprios, conduzem geralmente à simplificação da problemática e a enquadramentos definíveis em «culturas» ou «horizontes» arqueológicos ainda muito vagos se aplicáveis ao Noroeste.

b) Sintomaticamente ligado a este aspecto, está o atraso em que até há pouco persistia a arqueologia de toda esta vasta região, onde era notória a falta de escavações cientificamente conduzidas, mesmo comparativamente ao resto da Península. Apoiados pela intuição de alguns espíritos brilhantes (por ex. Martins Sarmiento e o grupo da Portvgalia, entre nós, Cuevillas, na Galiza), privilegiando-se o estudo e a descrição dos abundantes vestígios da Cultura Castreja, tão difundida por todo o NW ao longo e após a Idade do Ferro, é desoladora a ausência total de qualquer cronologia (1) ou sequência cultural, minimamente documentada, da pré-história recente do NW. Ocupação demográfica intensa, apoiada numa agricultura envolvente e de compartimentação excessiva do território, dificuldades naturais de trabalho numa região geológica e geograficamente difícil, insuficiência de meios técnicos (e financeiros!) . . . atenuam o gravoso desta lacuna, que, já em plena década de 80, continua a impossibilitar o necessário enquadramento cultural dos ricos vestígios de arte rupestre ao ar livre em que esta região é pródiga.

c) Talvez por isso, tem-se encarado a arte do NW, na sua generalidade, como integrável num amplo ciclo convencional, o «Grupo Galaico-Português», relegando-se para um plano marginal as gravuras de enquadramento estilístico mais problemático (2). E. Anati, num trabalho brilhante de intuições, atribuiu mesmo a este «Grupo» um longo ciclo de c. de 6 000 anos de vida e persistência de tradições (ANATI, 1968), uma ideia, aliás, já patente em autores anteriores, como Cuevillas ou Santos Júnior, entre outros, que não lhe concederam, porém, uma tão dilatada e estruturada vivência temporal. Se, na verdade, o Noroeste é um mundo de arcaísmos, hipoteticamente inovador num momento inicial do Bronze Atlântico e conservador desde então, convenhamos, porém, que não se detectam através da evidência arqueológica das próprias gravuras conhecidas, as inevitáveis mutações económico-sociais decorrentes de estádios

* Arqueólogo do Parque Nacional da Peneda-Gerês.

(1) Só há poucos anos surgiram as primeiras datações de C14 para o N. de Portugal. Trabalhos recentes de equipas da Universidade do Porto e da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, têm realizado outras datações.

(2) Referimo-nos concretamente aos inúmeros tipos antropomórficos esquemáticos de cristianização. Mais adiante desenvolvemos este aspecto.

sucessivos entre um Epipaleolítico e uma Idade do Ferro, o alfa e o ómega, para Anati, do «Grupo do NW». E se a tese de Anati, ainda hoje, continua a ser a melhor síntese e a mais rica de sugestões, facilitando a investigadores menos avisados um enquadramento fácil para um reportório rico mas cansativamente abstracto ⁽³⁾, por outro lado, o seu aspecto talvez mais problemático, porque estrutural, nunca foi claramente discutido. Referimo-nos ao conceito de *ciclo rupestre* no NW. Na verdade, os nossos trabalhos actuais têm-nos afastado do conceito linear de «ciclo do NW», que Anati estruturou e a generalidade da investigação actual continua a defender. Cremos, assim, que será pela revisão deste conceito, que deverá principiar o debate necessário sobre a arte na pré-história recente do NW.

2. OS GRUPOS RUPESTRES NA PRÉ-HISTÓRIA RECENTE DO NORTE DE PORTUGAL

«Il est presque impossible de penser l'homme préhistorique sans apporter de jugement de valeur, sans en faire l'héritier posthume de notre pensée du XX^e siècle.»

(LEROI-GOURHAN, 1971, 2)

Em 1980, num primeiro trabalho a propósito das gravuras do Gião (BAPTISTA, 1980), colocávamos em dúvida o conceito corrente de «Grupo do NW» e manifestávamos reservas, posteriormente acentuadas, quanto à integração plena daquela grande estação nas etapas clássicas do citado grupo (BAPTISTA, 1981 a). Recentemente, Vítor O. Jorge, secundando aquele nosso propósito crítico, voltou a pôr em dúvida, ainda que em termos de mera hipótese de trabalho, aquele mesmo conceito (JORGE, 1982), não ultrapassando, porém, idênticos propósitos críticos, há já c. de 30 anos, manifestados por Sobrino Lorenzo-Ruza (1952 e 1955).

Na verdade, é a Ramón Sobrino que se deve a primeira grande tentativa de isolamento temático e técnico daquilo a que chamaremos o grupo I, antigo ou clássico, do NW. As suas observações «in loco», permitiram-lhe isolar um determinado tipo de gravuras que, sob a designação de «galego-atlânticas», abrangeriam uma vasta área, epicentrada na Galiza (SOBRINO LORENZO-RUZA, 1952 e 1955). Com compreensíveis erros de pormenor, caso das suas apreciações ao Gião e a outras estações portuguesas, que não conhecia directamente (SOBRINO LORENZO-RUZA, 1956), Sobrino não percebeu, porém, o carácter igualmente homogéneo de um segundo grupo, posterior ao primeiro, com uma expansão menos costeira e mais continental, reflectindo talvez as suas influências ou origens meridionais e sobrepondo-se parcialmente às etapas finais do primeiro. As suas apreciações às gravuras do tipo cruciforme, classe de figuras que engloba um leque muito variado de motivos, classificando-as uniformemente como momentos de cristianização medieval ou posterior, relegando para segundo plano outros tipos de insculturas que aparecem *sempre* associadas àquelas, induziram em erro grande parte da investigação posterior, erro enfim de uma arqueologia mais livresca que de campo, que utiliza levantamentos antigos ou deficientes, e que, ainda hoje, se repercute nas análises que vão sendo dadas à estampa (V., por ex., JORGE, 1982, 11-12). Também o aparecimento, na mesma altura, da inaceitável tese de Ferro Couselo (1952), fundamentando, porém, documentalmente, a presença de alguns dos motivos deste último grupo, especialmente como marcas de termo (uma possível reminiscência, como lembrava o Abade de Baçal, da própria tradição do carácter sagrado dos termos, que vem da pré-história recente, martelando-se, a partir de certo momento, os temas de mais fácil reprodução na pedra: a cruz e a cóvinha), contribuiu decisivamente para a subalternização das gravuras esquemático-simbólicas deste outro grupo.

Por outro lado, Anati, embora recuperando muitas destas gravuras na sua tese amplamente divulgada, não as sistematizou convenientemente, englobando-as naquilo a que chamou o «amplo ciclo do NW», cujas bases metodológicas assentavam em critérios meramente tipológicos e nas sobreposições pouco representativas da Pedra das Ferraduras (ANATI, 1964 e 1968).

Ora, um aspecto pouco seguido e, porventura, uma das chaves para a apreciação e compreensão paleoetnológica das gravuras do NW, prende-se com a distribuição geográfica dos seus diferentes tipos e técnicas. Na ausência de mapas actualizados, socorramo-nos ainda do mapa apresentado há c. de 4 décadas por Cuevillas (1943), reproduzido por MacWhite (1951). Vemos assim, que as gravuras do tipo galego-atlântico de Lorenzo-Ruza têm uma distribuição mais costeira e, como este próprio autor afirmou, são pouco representativas em Portugal (SOBRINO LORENZO-RUZA, 1956, 51). A sua mancha mais densa e característica é hoje claramente a província de Pontevedra (PEÑA SANTOS e VAZQUEZ VARELA, 1979; GARCÍA ALÉN e PEÑA SANTOS, 1980). As melhores e mais representativas estações

⁽³⁾ Por outro lado, o repúdio ou crítica leve à tese de Anati, tem conduzido a exauros idênticos, não se aprofundando o que esta tem realmente de inovador.

portuguesas estão no Alto Minho (Bouça do Colado, Monte de Fortes, Ozão . . .). Monumentos dispersos vão ainda até à bacia do Vouga, onde há gravuras deste grupo na Serra do Arestal, no Outeiro dos Riscos e nos Fornos dos Moiros (SOUTO, 1932).

Esta distribuição costeira vocacionou certamente as muito descritas relações Atlânticas do NW. Foi J. Fortes quem, pela primeira vez, procurou relacionar as nossas gravuras com as da Irlanda (FORTES, 1907). Desde então, têm sido identificados tipos muito idênticos aos galego-atlânticos desde as Canárias, a Sul, até à Irlanda e Ilhas Britânicas e mesmo até à Escandinávia, a Norte (MacWHITE, 1951).

Um segundo grupo de gravuras, caracterizado pela ausência de círculos concêntricos e pela presença de temas diferentes do grupo anterior, como as retículas, os tipos em *fi* e uma vasta gama de outros motivos antropomórficos (pouco representativos também no grupo I, PEÑA SANTOS, 1976), desde os subnaturalistas, mais raros, até aos comuns cruciformes, é caracteristicamente mais continental, com uma área de maior dispersão pelo interior e Norte de Portugal, abrangendo ainda a província de Pontevedra (conf. mapa cit. em LOPEZ CUEVILLAS, 1943).

São deste grupo todas as estações que temos em estudo na área de Chaves (Tripe, Outeiro do Salto, Outeiro Machado . . .), onde uma única rocha se poderá ligar, ainda que problemáticamente, à tradição galego-atlântica, o Penedo das Meias (inédito). A sua área mais representativa coincide precisamente com toda a nossa província de Trás-os-Montes, Minho Central e Oriental, estendendo-se ainda ao interior das Beiras, com alguns bons monumentos na zona de Coimbra (GIRÃO, 1925). O Penedo das Gamelas, no Alto Alentejo, será um dos mais meridionais, deste grupo, conhecidos entre nós, já que o Penedo de Almoinha, publicado com a ridícula cronologia «Meso-Neolítica» (!), é de carácter duvidoso.

A área Beirã, mais concretamente o distrito de Viseu, apresenta, para além dos melhores momentos da nossa arte funerária megalítica, um tipo de gravuras muito próprias que, quando melhor conhecidas, poderão integrar um novo grupo, ou, pelo menos, uma das mais ricas províncias artísticas do grupo II. Esperemos que o P.^o Celso Tavares da Silva, sem dúvida o melhor conhecedor das gravuras desta região, nos possa futuramente oferecer a obra de conjunto que se faz sentir (SILVA, 1980).

Interpenetrando-se pontualmente, mas com poucas influências recíprocas, podemos identificar desde já, no NW, dois grupos maiores de gravuras, de estilos, técnicas e cronologias diferentes, o mais recente dos quais nos parece muito ligado à tradição da pintura esquemática peninsular. Um outro grupo «menor», usando essencialmente a técnica de gravação filiforme (traço contínuo muito fino) e também caracteristicamente continental, conta ainda com poucas estações conhecidas, mas a descoberta recente do notável complexo do Vale da Casa, no rio Douro, permitir-nos-á também a sua apreciação imediata (BAPTISTA, 1983).

Vejamos, porém, mais pormenorizadamente, os diferentes grupos atrás sintetizados, com referências concretas ao Norte de Portugal.

2.1. O GRUPO I

Coincide, nas suas linhas gerais, com as apreciações de Lorenzo-Ruza sobre as gravuras «galego-atlânticas», sendo igualmente correcta a distribuição costeira por este assinalada. Utilizando a matéria-prima mais abundante no território, as insculpturas deste grupo distribuem-se por amplas superfícies graníticas, mantendo, na sua generalidade, um carácter abstracto, geométrica e esquematicamente complexificado, formando, por vezes, composições carregadas de um simbolismo, de significado talvez perdido para sempre. Privilegiando topograficamente as rochas dos *plateaux* de média encosta ou dos cumes de baixa altitude, normalmente perto de pequenos ou médios cursos de água, com uma inclinação que procura muitas vezes o poente, as gravuras podem preencher toda a plataforma superior das rochas e, por vezes, também verticalmente as zonas laterais. Isto pode sugerir um carácter anárquico dos actos de gravação, que em certas rochas faz lembrar um certo horror ao vazio [Tapada de Ozão (CUNHA e SILVA, 1980)], mas, noutros casos, é notória a organização do espaço gravado [Bouça do Colado (Fig. 1)].

Os seus tipos principais gravados são os círculos simples ou mais abundantemente concêntricos, combinados ou não entre si, quase sempre com cóvinhas no seu interior, meandros, linhas rectas e curvas, figuras proto-labirínticas e labirínticas, espirais e, em menor grau, algumas armas, especialmente de modelos em bronze, zoomorfos semi-esquemáticos e esquemáticos e, mais raramente, alguns antropomorfos. Característica, em algumas estações, é a presença de motivos do tipo idoliiforme, alguns derivados das formas convencionais de círculos concêntricos ou simples, cóvinhas e linhas.

Lorenzo-Ruza definiu particularmente bem a técnica de gravação própria deste grupo, apresentando-se ainda hoje as insculpturas muito bem delimitadas, com uma largura normalmente maior do que o dobro da sua profundidade. Obtidas, na sua maioria, com um percutor de pedra, delimitando, por vezes, previamente, o motivo a obter, através de um traço picotado mais fino, facto ainda observável em alguns

motivos, as mais perfeitas gravuras de círculos concêntricos poderiam também ser insculpidas pela junção sucessiva de pequenas cóvinhas, o que levou Ramón Sobrino a considerar o insculptor clássico do NW como um autêntico técnico.

A padronização cronológica deste grupo continua a ter uma abordagem muito delicada, sendo aceite pela generalidade da investigação, uma cronologia que cabe, em linhas gerais, na Idade do Bronze. Os argumentos para esta cronologia baseiam-se, quer na presença de modelos metálicos de armas de bronze gravados, quer nos raros casos de sobreposição de gravuras por construções castrejas (Castro de Santa Trega), ou neles reutilizadas como materiais de construção, como no Castro de Codeseda e no Castro Lupário. Também uma pequena pedra com círculos concêntricos foi encontrada incorporada numa mamoa. No entanto, estes argumentos fornecem-nos apenas uma datação *ante-quem*, excepto as gravuras de armas, cuja cronologia só muito cuidadosamente pode ser extensiva aos tipos geométrico-abstractos. Por outro lado, a grande expansão Atlântica que estes motivos tiveram, facto já referido mais atrás, só poderia processar-se durante o Bronze Atlântico, fruto de um comércio metalúrgico acentuado pela riqueza em estanho do NW. Este comércio é mais marcante na 2.^a metade e em finais do 2.^o milénio. Porém, os aspectos económicos reflectidos nas gravuras não são muito claros. O pastoreio, uma agricultura sedentária, a caça, mais raramente, como factores de subsistência e, a partir de certa altura, uma actividade comercial derivada da metalurgia do bronze, são os elementos de uma economia algo conservadora ao longo de todo o 2.^o e inícios do 1.^o milénio no NW. Sabe-se que a própria disseminação do ferro no NW é tardia, perante o conservadorismo e a grande expansão e suficiência do bronze. Veja-se, por ex., a sobrevivência de tipos metálicos em bronze, com armas da II Idade do Ferro, no Castro de Santa Trega (JAVIER LOMAS *in* BLAZQUEZ *et alii*, 1980, 50).

A origem da temática própria aos petróglifos deste grupo I, é ainda problemática. Autores como Cuevillas, MacWhite, Bosch Gimpera e Anati, entre outros, acentuaram a originalidade das combinações circulares galaico-portuguesas, que estariam na origem de semelhantes temas nas Ilhas Britânicas onde, da Irlanda e especialmente da Escócia, passariam à Escandinávia e, por outra via, talvez continental, chegariam mesmo à Europa Central. Orientalistas como MacWhite, Lorenzo-Ruza e Monteagudo advogam uma remota origem oriental para estes temas, que seriam posteriormente difundidos a partir da Galiza. Este orientalismo só é, porém, patente em raros motivos, como, por ex., nos mais elaborados labirintos, eles próprios inscritos numa dupla tradição: a dos proto-labirintos, aqui cedo desenvolvidos (Bouça do Colado — Fig. 1) e as influências do Egeu, assinaláveis no motivo tardio de Mogor. Outras influências, como o(s) fenómeno(s) megalítico(s) ou o «movimento» das estátuas-menires, esta uma imagética que analisaremos de seguida na Bouça do Colado, se fizeram necessariamente sentir na tradição figurativa do NW, influências talvez especialmente difundidas pelos prospectores de metal. A sua análise ultrapassaria, porém, as exigências desta síntese breve.

2.1.1. A BOUÇA DO COLADO, UM SANTUÁRIO-MODELO DO GRUPO I (Fig. 1)

A Bouça do Colado é um pequeno santuário, miraculosamente bem conservado, talvez devido ao isolamento do sítio, nas vertentes ocidentais da Serra Amarela (Lindoso, Ponte da Barca). As suas gravuras, que ainda alimentam lendas locais, escaparam à dinamite dos canteiros e à ganância dos caçadores de tesouros, que ali fizeram pelo menos uma incursão. Por nós descoberta em finais de 1979, as 2 campanhas que ali realizámos, permitiram-nos, com alguma felicidade, estudar minuciosamente talvez o mais modelar dos santuários do grupo I em território português.

O complexo da Bouça do Colado é constituído por uma grande rocha central, virada a poente (R.-1 — Fig. 1), a que o povo chama «Penedo do Encanto», ricamente historiada, rodeada por 7 outras de menores proporções, estas gravadas com motivos que, na sua generalidade, se podem considerar subalternos relativamente ao grande bloco central. O conjunto apresenta duas fases principais de gravação e um terceiro momento de cristianização ou termo (BAPTISTA, 1981 c). Interessa-nos agora apenas a primeira destas fases, que define claramente o santuário-modelo.

Com efeito, a rocha central, com gravuras de grande qualidade técnica e estilística, tem uma estruturação muito equilibrada e previamente *estudada* do espaço gravado, ilustrando admiravelmente aquilo a que Anati chamou uma «composição monumental». Ao centro da rocha, exactamente no ponto de confluência dos eixos maior e menor do painel superior (a vermelho na Fig. 1), foi gravado um grande idoliiforme feminino. Seguidamente, a área em seu redor foi sucessivamente preenchida com diversas figuras, em que se destacam as combinações circulares com cóvinhas no interior. Algumas pretendem mesmo ligar-se directamente ao idoliiforme, tocando-o, sendo este, finalmente, ligado por um grande meandro a uma bela figura proto-labiríntica na base da rocha. Um tipo de ligação idêntico, embora não tão elaborado, que fomos encontrar na laje gravada da Pedra da Costa (Arcos de Valdevez, inédita).

Ressalta, assim, uma evidente preocupação de centrar o idoliiforme, o primeiro motivo insculpido, e de distribuir à sua volta ou mesmo ligar a si as restantes gravuras, que vão sendo sucessivamente

marteladas e que nós atribuímos a dois momentos sucessivos de gravação. Este facto, que não é um preciosismo técnico próprio de uma análise exaustiva, como o parece ter entendido V. Oliveira Jorge (1982, 14), antes permite compreender a elaboração ou estruturação faseada do santuário, pois é evidente a ligação imagética de todos os motivos do Penedo do Encanto, excepto os reticulados, integráveis técnica e tipologicamente, noutro grupo.

O significado geral e mesmo particular das gravuras, estará talvez perdido para sempre, se atentarmos no carácter altamente simbólico e abstracto dos motivos insculpidos e porque a cultura que os produziu não deixou documentos escritos. Mas, parece-nos inegável o carácter estruturado do pequeno complexo e o cuidado posto na elaboração de toda a iconografia da rocha 1. Igualmente, o carácter idoliforme do motivo central nos parece fora de dúvida, tendo-o nós, de imediato, ligado ao imaginário (embora planimétrico) das estátuas-menires. Pouco representativas até à pouco no NW, o exemplar da Serra da Boulhosa, também do Alto Minho, oferecia um bom paralelo a uma aproximação deste tipo (VASCONCELOS, 1910, 32). Esta tese, que então apresentámos com reservas, acabou por ter uma confirmação mais segura ao identificarmos, muito perto da Bouça do Colado, uma nova estátua-menir descoberta na povoação da Ermida (BAPTISTA, 1982 e 1984), cujos atributos, gravados no anverso, se ligam claramente à tradição imagética do grupo I do Noroeste (Fig. 2) (4).

Se os paralelos tipológicos para a generalidade dos motivos do Colado abundam no NW, é grande, porém, o contributo daqueles, para a necessária sistematização dos tipos idoliformes, cuja iconografia muito variável, pode representar uma das bases de entendimento das relações e influências sentidas no desenrolar do ciclo do grupo I, cujo apogeu, se centra, muito possivelmente, ao longo da Antiga e Média Idade do Bronze. Representarão estes uma das facetas inovadoras ou transformadoras, frente à monotonia de uma gramática figurativa aparentemente sempre idêntica entre si? Se no idoliforme do Colado é perceptível a conceptualização imagética do «movimento» das estátuas-menires [e o mesmo se poderá inversamente afirmar relativamente ao monumento da Ermida (Fig. 2)], ele não deixa, por isso, de obedecer aos cânones tradicionais, conjugando abstractos círculos concêntricos, cóvinhas, linhas... O próprio conceito de idoliforme, aqui aplicado, é apenas um esforço para nomear o inominável.

2.2. O GRUPO II

Caída em desuso a tradição de gravação das figuras do grupo I, aparece agora mais abundantemente difundido um outro tipo de motivos que, muito genericamente, se podem enquadrar na tipologia definida por Anati para algumas gravuras da sua 4.^a fase e, particularmente, para as da sua 5.^a fase, integráveis na Idade do Ferro (ANATI, 1968, 83 e ss.). Com características técnicas absolutamente diferenciadas dos motivos do grupo I, estas novas gravuras apresentam um negativo menos largo e não tão profundo, embora haja exemplos em que a técnica do grupo I seja manifesta [Outeiro do Salto (Mairos), Lamelas (Rib.^a de Pena), etc.]. Muitas são ainda marteladas com picos líticos, outras já com pontas de ferro, na sua generalidade picotadas e não friccionadas.

Com uma área de expansão mais continental, como apontámos em 2., na sua tipologia predominam os antropomorfos esquemáticos e os motivos geométrico-abstractos, com uma ausência quase absoluta de zoomorfos. Nas 102 rochas com gravuras inventariadas no Gião, com centenas de motivos, não foi identificado um único zoomorfo. Porém, no Tripe, de características similares, há 2 zoomorfos (um é um cavalo montado — Fig. 6) numa das 27 rochas historiadas, o que é insignificante.

Longe da exaustividade, a tipologia sumária do grupo II, realizada a partir do Gião (Arcos de Valdevez), Tripe e Outeiro do Salto (Mairos, Chaves), será:

a) Predominância de antropomorfos esquemáticos, uma clara tendência antropocêntrica, que vão desde os mais abstractos, tipo *fi* grego (Fig. 8) (no Gião há mesmo uma grande figura em *fi* com a mão direita gravada — palma e dedos — Fig. 3), até aos mais clássicos com membros curvos \cap e pernas em \wedge , com ou sem cabeça e sexo assinalados (Fig. 4). Finalmente, aparece também uma vasta gama de antropomorfos esquemáticos de tronco linear e membros rectos, que vão até à estilização do cruciforme (Fig. 5). Alguns destes motivos podem aparecer ligados ou associados entre si (R. 7 do Gião, R. 1 do Tripe — Fig. 5). No Tripe, aparece ainda uma figura antropomórfica naturalista, com músculos salientes nas pernas, um exemplar único neste tipo de estações.

b) Um leque variado de tipos quadrados ou rectangulares, por vezes de cantos redondos, segmentados no interior por diâmetros paralelos e perpendiculares (Fig. 4).

c) Círculos simples, com um ou dois diâmetros perpendiculares entre si.

d) Um outro tipo variado de figuras, inclui os pequenos semi-círculos (ferraduras), com ou sem cóvinha central. (a meio da Fig. 5). Estes são muito comuns no concelho de Chaves.

(4) Uma discussão mais aprofundada desta relação e uma melhor compreensão do próprio conceito de idoliforme, pode encontrar-se no nosso trabalho sobre a estátua-menir da Ermida, que aparecerá no Vol. II da Nova Série (IV) de «O Arqueólogo Português» (no prelo).

e) Tipos menos comuns aparecem ainda, como os formados por uma cóvinha ligada a uma linha recta que curva na extremidade (ao alto da Fig. 5), os «ganchos» da terminologia tradicional (comuns no conc. de Chaves), pequenas linhas rectas ou quebradas, raras espirais, sempre de pequenas dimensões, podomorfos, paletas, suásticas, etc. Outros motivos mais complexos, figuram normalmente combinações dos temas apontados.

Algumas destas figuras lembram tipos idênticos da pintura esquemática, cujos abrigos Norocidentais (Pala Pinta, Penas Róias e novos abrigos inéditos na zona de Mogadouro) confluem com uma das zonas mais ricas deste grupo II. Na verdade, este grupo, inovador no NW, possivelmente desde o Bronze Final, parece-nos muito influenciado por aquela expansão pictórica que, recordemo-lo, não aparece em rochas graníticas. Os tipos antropomórficos em *fi* ou duplo *fi* (Fig. 8) ou com membros arqueados, certos atributos (possíveis toucados?) por sobre a cabeça de alguns tipos em *fi* (pintados em Penas Róias, gravados nas rochas 24 e 25 do Tripe — Fig. 7) e até mesmo de alguns antropomorfos de braços rectos, podem efectivamente descender de idênticos modelos pintados (conf., por ex., abrigos de Fresnedo Teverga, Astúrias, in MALLO VIESCA e PEREZ PEREZ, 1971).

O início deste grupo no NW, possivelmente ainda no Bronze Final, poderá ser coevo de alguns destes abrigos pintados. Os primeiros tipos então insculpidos, são os variados reticulados (Gião — Fig. 4) e vários modelos antropomórficos derivados das formas em *fi* (Gião e Tripe), desenvolvendo-se posteriormente as estilizações antropomórficas de tipo linear e, finalmente, os tipos cruciformes (Fig. 5).

Contemporâneas de um momento inicial do grupo II, devem ser as pinturas do Cachão da Rapa, cujas curiosas figuras reticuladas (2 figuras semelhantes aparecem na fase 2, Bronze Final?, da Bouça do Colado — uma na Fig. 1) e ovais com dois diâmetros perpendiculares, as primeiras pouco criteriosamente classificadas como ídolos-placa (ausentes no NW), se ligam claramente à tradição insculptórica dos inúmeros quadrados e rectângulos reticulados, tão característicos da fase inicial deste grupo II (Fig. 4). Cabré Aguiló (1916) há muito intuíra já esta relação entre as pinturas do Cachão da Rapa e idênticos tipos insculpidos, embora a sua interpretação do Cachão, como de uma dança ritual, seja absolutamente fantástica e insustentável. Anati, mais recentemente, defendeu também a relação daquelas pinturas com o, para si, longo ciclo do NW e lembrou, quanto a nós correctamente, que não é por acaso que a própria localização do Cachão da Rapa aparece na zona de confluência das duas tradições (ANATI, 1968, 102).

Ao contrário destas formas reticuladas, mais próprias do NW, já as figuras do tipo *fi* têm uma larga expansão Peninsular. Características dos abrigos da Serra Morena (BREUIL, 1933), chegam a aparecer na Arte do Tejo, numa das rochas da estação de Fratel (inédita), nitidamente tardias, quando a tradição de gravação tagana entrara já em acentuado declínio. Fora da Península são pouco características, mas há motivos em *fi* nas Ilhas Britânicas, onde curiosamente aparecem associados a motivos cruciformes, podomorfos e cóvinhas, precisamente da mesma forma que na Península. Compare-se, por ex., a muito citada rocha gravada de Clonfinlough (County Offaly, Irlanda) (BREUIL, 1921, 2), com idênticas rochas do Gião, Tripe ou outras estações transmontanas. A notável semelhança, não só temática como técnica, leva-nos mesmo a afirmar que não causaria admiração se o penedo gravado de County Offaly tivesse sido descoberto no Tripe! Lá estão, com efeito, os mesmos tipos, nas mesmas associações e com a mesma distribuição espacial. Uma simples ligação às tradições Peninsulares, ou uma continuação das relações Atlânticas, acentuadas desde o Bronze Atlântico?

O final do ciclo deste grupo II do NW, levanta algumas questões, acentuadas um pouco pelo problema dos cruciformes, figuras a que se tem atribuído uma cronologia que vai desde o Neolítico Antigo até à Idade Moderna! Um falso problema, pois estas cronologias raramente se socorrem dos contextos arqueológicos em que se integram estes motivos. A nossa sistematização, centrada, para já, no Gião (BAPTISTA, 1981 a) e nas estações transmontanas, prova a evolução dos tipos antropomórficos até aos simples cruciformes, que representam, efectivamente, a etapa final do grupo II. E cremos, mesmo, que este término não pode continuar a servir de limite a tudo o que se liga à Idade do Ferro do NW. Pelo contrário, nas regiões mais interiores, como o vem demonstrando a moderna arqueologia castreja, continuou, durante séculos, um tipo de vida e economia muito identificadas com as tradições do Ferro. Ora, estes pequenos santuários rupestres (o Gião é uma notável excepção), ligam-se igualmente a essas tradições. Perdido o conceito de 'arquitectura' do espaço gravado, mais típico do grupo I (conf. Fig. 1), esgotadas as potencialidades do esquematismo peninsular, não é improvável que muitos desses pequenos antropomorfos se transformem gradualmente nas emblemáticas cruces cristãs, que aparecerão, assim, ligadas uma dupla tradição: a indígena, vinda da Idade do Ferro, e a cristã, importada através dos primeiros missionários. Lembremo-nos do texto clássico de S. Martinho de Dume, apostrofando o culto pagão das pedras, que ainda nos sécs. IV e V era muito vivo no NW, ou as actas dos primeiros concílios cristãos, aconselhando as formas de combater este e outros enraizados cultos «naturistas». No fundo, a tradição antropocêntrica acentuada nos últimos tempos da pré-história, era apenas substituída por outra, talvez mais emblemática e redutora. Cremos, assim, que os cruciformes, que assinalam claramente o término do grupo II e, simultaneamente, o fim dos ciclos rupestres do NW, não poderão continuar a ser

ingenuamente encarados, apenas como cruzes cristãs, sinais apotropaicos, ou singelos antropomorfos. Cruzes de termo, cristianizações como as 3 cruzes da Bouça do Colado (ao alto, à esquerda, na Fig. 1), marcas de passagem ou de limites, etc., ligam-se a outros contextos e é necessário ter cuidado na sua sistematização, para não serem confundidas com as destes pequenos santuários, que têm o seu apogeu na Idade do Ferro. cremos assim que, genericamente, a cronologia deste grupo II, pode enquadrar-se entre o Bronze Final e a Alta Idade Média.

2.2.1. O TRIPE (MAIROS, CHAVES): UM SANTUÁRIO DO GRUPO II (Figs. 5-6-7-8)

Embora o Gião seja a mais notável estação deste grupo entre nós, temos sobre ele já alguns textos publicados (BAPTISTA, 1980 e 1981 a), pelo que convirá antes debruçarmo-nos um pouco sobre o Tripe, ainda inédito, que tivemos oportunidade de estudar em Agosto de 1982, graças a um subsídio da Câmara Municipal de Chaves.

Com características de implantação topográfica e de técnicas e tipologias em tudo similares ao complexo do Gião, o Tripe é um pequeno outeirinho onde afloram algumas lajes graníticas de grão fino a médio, encaixado no interior de um vasto «anfiteatro» natural, suavemente afunilado a Sul e Sudoeste. A leste, o local é dominado pelas rochas gravadas do Outeiro do Salto.

No Tripe foram catalogadas 28 rochas historiadas, algumas das quais em pequenas rochas soltas, e, nestas, 2 com gravuras nas duas faces maiores (o Gião tem 27 rochas soltas gravadas, algumas também nas duas faces). A técnica predominante é a picotagem, embora haja ainda casos de picotagem e fricção (cruciformes e *fis*).

Nos tipos gravados, há uma predominância dos antropomorfos esquemáticos, que vão desde as formas em *fi* (Figs. 7 e 8), até aos cruciformes (Fig. 5). A morfologia dos tipos em *fi* é muito variada, indo desde os simples, com apêndice dorsal ϕ , com cabeça figurada por um traço transversal Φ (Fig. 8), traço que pode aparecer também na extremidade inferior Φ , até aos que apresentam 2 pontos no interior da oval Φ . Há ainda exemplos de duplo *fi* Φ e dois com atributos que lembram um possível tocado Φ (Fig. 7), com paralelos em Penas Róias. Os restantes antropomorfos são também muito variados, todos de corpos lineares, de membros curvos ou rectos, até aos cruciformes simples. Alguns são envolvidos por uma linha sinuosa, que lhes contorna o corpo. Um dos de braços ao alto, tem duas grandes mãos, com os dedos marcados.

Na classe dos antropomorfos devem ainda destacar-se dois, que, pelas suas características morfológicas, não têm paralelo nas estações da região: um, naturalista, de grandes dimensões, tem o tronco largo e inteiramente picotado, ergue um braço até à cabeça e curva o outro até à cintura, apresentando as pernas vigorosamente musculadas; o outro, é um cavaleiro semi-esquemático, montado sobre um equídeo, possivelmente um cavalo (Fig. 6). Este, curiosamente, é caracterizado pela forma em *fi* adoptada na solução da linha dos braços e tronco, inscrito, portanto, na tradição das figuras esquemáticas em *fi*.

Os restantes motivos característicos do Tripe, são os tipos em U ou semicírculos simples («ferraduras»), com ou sem cóvinha central, possíveis estilizações antropomórficas (Fig. 5), alguns círculos simples (Fig. 5), pequenas figuras espiraladas, alguns meandros, de tipo «gancho» (Fig. 5), 3 podomorfos, um dos quais isolado, 2 paletas e algumas cóvinhas dispersas. O Tripe, ao contrário das restantes estações deste grupo, apresenta ainda dois equídeos, um dos quais montado (Fig. 6), conforme já apontámos. O segundo, isolado, é quase uma cópia do primeiro.

Desta descrição, muito sumária, ressalta imediatamente a ausência dos reticulados, tão característicos da 1.^a fase do Gião (Fig. 4).

Como no Gião, também no Tripe não se detecta uma clara ordenação do espaço gravado (conf. Fig. 5), ao contrário do que vimos para o Penedo do Encanto, do Colado (Fig. 1). Na verdade, as inúmeras rochas do grupo II que temos estudado, reflectem antes uma espécie de horror ao vazio nas rochas mais densamente gravadas, sendo todos os espaços sucessivamente recamados de figurinhas, quase sempre dos mesmos tipos.

As sobreposições são pouco significativas, havendo a registar algumas de cruciformes simples sobre pequenos círculos e semi-círculos. Este aspecto, conjugado com uma análise distributiva das superfícies historiadas, permite-nos, porém, concluir, que as gravuras da última fase são cruciformes de membros superiores e inferiores rectos, cruciformes simples e alguns raros de tipo *fi*, o que não deixa de ser importante, pois permite afirmar que há uma longa permanência dos modelos em *fi*. Igualmente, também as raras figuras mais naturalistas, como o grande antropomorfo da rocha 2, marginal na rocha e sem sobreposições, o par de podomorfos humanos da rocha 3, sobreposto a um círculo ou semi-círculo e, mesmo o cavaleiro montado (Fig. 6), todos picotados, pertencerão também a um momento avançado da estação.

Há assim, no Tripe, dois níveis de predominância temática, facto confirmado também pelas gravuras do vizinho Outeiro do Salto: num primeiro momento, predominância de círculos simples e semi-círculos,

com ou sem cóvinha central (estaria nestas figuras o único elo possível de ligação ao grupo I ou clássico, o que, apesar de tudo, julgo improvável); os tipos em *fi* ligam-se também a este momento, prolongando-se até ao segundo, caracterizado pela grande expansão das restantes formas antropomórficas esquemáticas e pelas figuras de cariz mais naturalista.

2.3. AS GRAVURAS FILIFORMES

Este tipo de gravuras coloca, desde logo, um problema: representam um novo grupo, «sobreposto» geográfica e cronologicamente ao nosso grupo II do NW, ou serão antes o reflexo de um sub-grupo estilístico de um qualquer dos outros grupos? Porém, as suas condições de jazida e a técnica de gravação, só possível em xistos, afastam-na de ambos os grupos mencionados atrás. Também a tipologia das suas figuras é diferente, havendo um caso único, no Vale da Casa, em que é possível detectar influências do grupo II, na gravação de duas figuras em *fi*.

Até agora muito pouco representativas na arte rupestre Ibérica, as gravuras obtidas pela incisão de um traço contínuo, muito ou pouco fino (filiformes, ou, seg. Santos Júnior, litotrípticas), apenas eram bem conhecidas na Pedra Letreira (Góis) e na Pedra Escrita de Ridevides (Vilariça), ambas objecto de duas monografias (NUNES *et alii*, 1959 e SANTOS JÚNIOR, 1963, respectivamente), e estas últimas com a particularidade de terem alguns filiformes sobrepostos por picotagens de tipos cruciformes e em U («ferraduras»). S. Júnior catalogou também figuras litotrípticas ou filiformes no Poço da Moura (Vilariça) e na Pena Escrita ou Fraga dos Fusos (Sortes), todas no distrito de Bragança (SANTOS JÚNIOR, 1940, 367), tendo anteriormente estas últimas sido reveladas em singelos desenhos pelo Abade de Baçal (ALVES, 1934, 658-9).

S. Júnior atribuiu então uma cronologia neolítica a Ridevides e ao Poço da Moura (SANTOS JÚNIOR, 1940, 367), classificação que ampliou posteriormente, agregando-lhe as recentes descobertas de Molelinhos (Tondela) e de Puerto del Gamo (Cáceres), integrando-as num «mesmo ciclo cultural que . . . , dum modo geral, podemos classificar como neo-eneolíticas» (SANTOS JÚNIOR, 1963, 141). Esta cronologia assentava apenas nas gravações de pretensas pontas de seta triangulares, na sua maioria de base recta (Ridevides), onde igualmente apareciam sulcos mais fundos que lembraram ao autor «afiadores de machados neolíticos» (SANTOS JÚNIOR, 1963, 131). Na Pedra Letreira, de Góis, Castro Nunes e seus colaboradores pretenderam igualmente isolar algumas armas líticas, nomeadamente 2 alabardas de sílex (triângulos maiores) e pontas de seta (triângulos menores), um indicúvel arco e seta e 2 hipotéticos escutiformes (NUNES *et alii*, 1959). Também aqui se classificaram pretensos idoliformes (termo vago, quando aplicável a gravuras pouco precisas, como é o caso), que eram aproximáveis a um muito hipotético tipo idêntico de Ridevides, que o próprio S. Júnior rejeitou, e ao conhecido idoliforme ou escutiforme de Conjo. De Molelinhos não existem desenhos de conjunto publicados, excepto um pouco claro esboço de Anati (1968, 75). Russel Cortez, que, em 1955, revelou muito sumariamente a estação, considerou as suas gravuras com uma cronologia entre o Bronze I e II, comparando-as, pouco criteriosamente, com Mont Bégo, onde efectivamente existem inúmeros filiformes (CORTEZ, 1955, 93). Anati, através das armas gravadas em Molelinhos, que tipificou como punhais, lanças, facas curvas, alabardas e foices, considera-a da média e tardia Id. do Bronze, ligando-a ao «ciclo galaico-português» e classificando-a como a sua rocha «mais tardia e mais a sul atribuível ao grupo dos ídolos e punhais» (ANATI, 1968, 78-79).

A presença desta técnica de gravação em muito poucas rochas, levou Anati a considerar que aquela teria sido «gradualmente abandonada» (ANATI, 1968, 79). Uma posição cómoda, que não atendia igualmente às diferenças de estilo, de tipos e até da própria distribuição geográfica das diversas rochas historiadas. Estas razões e a sistematização, que temos em curso, das gravuras do Vale da Casa (a que aludiremos seguidamente), são argumentos muito fortes que inviabilizam a integração plena destas rochas nos clássicos ciclos galaico-portugueses, pelo menos sem um conhecimento mais ponderado das origens deste tipo de gravuras e das suas manchas de influência. E, aqui, é bom não esquecermos que estas incisões só aparecem em xistos, estando totalmente ausentes entre os milhares de gravuras da Arte do Vale do Tejo, toda ela em xistos.

A descoberta do Vale da Casa, sem dúvida a mais notável estação de gravuras filiformes até hoje conhecida no Noroeste, vem lançar uma nova luz sobre estes motivos e, sintomaticamente, acentuar de forma decisiva o seu carácter heterogéneo.

2.3.1. O COMPLEXO DO VALE DA CASA (VILA NOVA DE FOZ CÔA) (Figs. 9-10-11)

Uma equipa da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho descobria, em meados de 1982, na margem esquerda do rio Douro, menos de 5 km para montante da barragem do Pocinho, então em fase

de acabamento, as primeiras 5 rochas gravadas. Perante a ameaça do encerramento da barragem, realizámos, com o apoio do I.P.P.C., uma imediata campanha de levantamento das rochas historiadas. Estes trabalhos, realizados em Outubro seguinte, permitiram o inventário e estudo de 23 rochas gravadas, 2 das quais apenas com traços modernos ⁽⁵⁾.

Com uma implantação topográfica em tudo idêntica às grandes estações litostíticas do Vale do Tejo (e igualmente ameaçadas por uma barragem), as gravuras do Vale da Casa estão disseminadas pelas lisas plataformas dos bancos xisto-grauváquicos rompidos pelas águas do rio Douro e que, no local, se inscrevem num vasto *plateau*, onde o banco pétreo se alargou consideravelmente. Neste *plateau* seria então também identificada e parcialmente escavada, uma necrópole de cistas, cobertas por pequenas mamoadas de pedras, o que, aparentemente, dava um importantíssimo enquadramento cultural às gravuras.

Para além das 23 rochas estudadas, muitas outras deveriam estar historiadas, mas o elevado curso do rio não nos permitiu o seu estudo atempado, pois a barragem encerraria as suas comportas logo em Janeiro seguinte. A importância das gravuras estudadas é, no entanto, relevante e, particularmente as da rocha 10 (Fig. 9), um pequeno mas espantoso painel de motivos sobrepostos, justifica que nos detenhamos, desde já, sobre este complexo ⁽⁶⁾.

No Vale da Casa há três tipos diferentes de técnicas de execução: 1) as predominantes, de traço contínuo fino, cuja largura pode variar entre 1/4 de mm e 3 mm; 2) as obtidas por fricção, mas com traço mais grosso e fundo a meio e afilado nos extremos; 3) e, finalmente, as picotadas ou litostíticas, mais raras. O tipo 1) pode ser obtido com pontas aceradas de sílex, quartzo ou ferro. Em corte, tem um negativo com um lado recto e outro subvertical ∇ . O tipo 2) é idêntico aos chamados «polidores neolíticos» de S. Júnior e tem agora bons paralelos em abrigos recentemente descobertos perto de Mogadouro (inf.^o, que agradecemos, do Dr. F. Sande Lemos). O tipo 3), idêntico às técnicas do Vale do Tejo, é uma lascagem subvertical, com picotagem directa, batida da direita para a esquerda. Concentradas na mesma estação, estas técnicas reflectem 2 fases cronológico-culturais distintas.

A tipologia das figuras filiformes, dominantes, abrange, pelo menos, 5 tipos distintos: antropomorfos, zoomorfos, armas, geométricos ou abstractos e alfabetiformes (uma inscrição).

Os antropomorfos dominantes são de um tipo até agora desconhecido no NW. Concentram-se quase todos na r. 10 (Fig. 9). Com pequenas cabeças circulares e sem qualquer outro traço facial, braços e pernas assinalados por linhas paralelas que lhes dão a sensação de volume, os membros inferiores, alguns decorados junto aos joelhos por 2 tracinhos paralelos, prolongam-se até meio do tronco. Com pés marcados, as extremidades dos braços terminam como «dentes de serra», imitando os dedos. Dois têm na cabeça estranhos chapéus ou capacetes, que se assemelham a turbantes: uma forma subcircular que envolve toda a cabeça, encimada por um pequeno semi-círculo. Dois outros seguram armas: um pequeno arco e uma espada, curva na extremidade.

As figuras zoomórficas são predominantemente cavalos, largas dezenas só na r. 10 (Fig. 9), e muitos outros espalhados pelas rochas vizinhas, que vão desde os tipos mais naturalistas, com larga cauda, estriada na extremidade, até à simples gravação da sinuosa linha cérvico-dorsal, sem qualquer outro atributo ou complemento anatómico. Fenómeno curioso, que regista no final dos tempos pré-históricos, um insólito regresso ao estilo das origens da Arte. É, com efeito, nestas linhas cérvico-dorsais sinuosas e adaptáveis a várias espécies, que no Aurignacense se tacteiam as primeiras formas zoomórficas, tão profundamente marcantes na arte do Paleolítico Superior (LEROI-GOURHAN, 1982, 81-83). Aqui, elas pertencem à fase final da estação.

Quanto à concepção geral do estilo dos cavalos mais naturalistas, estes partem da gravação em perspectiva distorcida da parte posterior, através de um esquema idêntico em todos eles ∇ . Daqui arrancam depois as linhas cérvico-dorsal e do ventre, completadas pelas pernas anteriores e por pescoços longos e esbeltos, encimados por pequenas cabeças, um pouco à maneira Ibérica. Algumas figuras incompletas da r. 10, provam esta curiosa concepção estilística (Fig. 9, ao alto e em baixo, à esquerda).

Porém, na r. 15 (Fig. 10), um cavalo associado a um sinal rectangular estriado subverticalmente por uma infinidade de linhas paralelas, tem uma característica que vale a pena apontar. O pescoço é superiormente constituído por uma linha semicircular muito alteada, que lhe confere um aspecto pouco esbelto, linha que se continua em arco até às pernas anteriores, curtas e atarracadas. Um estilo, portanto, muito semelhante ao cavalo de Mazouco (um pouco a montante do Vale da Casa). Estando este cavalo da r. 15 num contexto claramente da Id. do Ferro, parece-nos assim, que, sem outro contexto ou paralelo local, muito dificilmente se poderá continuar a manter a cronologia paleolítica que foi sugerida para aquele

⁽⁵⁾ Esta campanha detectou também uma curiosa estação com gravuras da Idade Moderna, picotadas junto à foz do rio Côa, com motivos datáveis entre os sécs. XVIII-XX. Para o bom resultado de todos estes trabalhos, concorreu o excelente apoio logístico que nos foi facultado pela E.D.P. e, também posteriormente, pela Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa, entidades a quem agradecemos vivamente.

⁽⁶⁾ A leitura deste capítulo referente ao Vale da Casa, ficará melhor complementada com a ilustração mais abundante publicada in BAPTISTA, 1983.

(JORGE *et alii*, 1981 e 1982). Aliás, não fossem as armas, as sobreposições e certos pormenores de conjunto nos inúmeros cavalos do Vale da Casa, e seria estilisticamente defensável para alguns (raros) deles, essa cronologia paleolítica. Por ex., para o belíssimo exemplar da r. 7, uma notável cabeça de crina esfiada. De qualquer forma, um alerta para o enganoso de atribuições cronológicas ou culturais baseadas em meros conceitos estilísticos, e uma prova mais de que estamos muito longe de uma sistematização da nossa arte pré-histórica.

Outros motivos zoomórficos gravados figuram cervídeos e canídeos. O melhor conjunto destas figuras está na cena da r. 23 (Fig. 11), onde um cavaleiro montado, segurando com a mão esquerda as rédeas do cavalo e erguendo um dardo com a direita, caça um disforme cervídeo, auxiliado por um grupo de cães de caudas afiladas e longos pescoços. Estes têm, ainda, a particularidade de apresentarem as patas em forma de «pés de galinha». Ao lado desta cena e manifestamente a ela associada, surge uma inscrição, com caracteres que lembram os Ibéricos.

As armas identificáveis no Vale da Casa concentram-se quase todas nas rochas 6 e 10. São modelos atribuíveis, na sua generalidade, à Id. do Ferro. São elas: falcatas (2 das quais embainhadas na r. 6), dardos ou armas de arremesso, lanças, algumas de compridíssimos cabos e outras só gravadas as lâminas (uma destas estrangulada a meio), arcos e setas, uma espada ou machete de comprida lâmina e alguns possíveis escudos, um redondo e outros rectangulares. Uma panóplia variada de armas, que nos permite datar, com alguma segurança, pelo menos a fase filiforme do complexo, a mais importante, como pertencendo certamente à Idade do Ferro.

Entretanto, as figuras geométricas são raras e pouco significativas, pouco mais havendo a registar além do rectângulo citado da r. 15 (Fig. 10) e de alguns traços e linhas. Registe-se, por fim, a inscrição, também citada, da r. 23 (Fig. 11).

A r. 10 (Fig. 9), a mais importante do complexo, não só pela qualidade e tipos das suas gravuras, mas, acima de tudo, pelas suas sobreposições, fornece-nos uma ideia clara da evolução dos tipos gravados e, comparativamente com as restantes rochas e sobreposições nestas evidenciadas, uma sistematização estilístico-cronológica do grupo filiforme. Assim, numa superfície que não chega a atingir 1 m², foram gravados c. de 2 centenas de motivos! As gravuras mais antigas, sobrepostas por todas as demais, são os estranhos antropomorfos, alguns mesmo de muito difícil detecção. Alguns cavalos poderão já pertencer a este primeiro momento. Entretanto, estes tipos antropomórficos não tornam a aparecer em quaisquer das outras rochas.

Ultrapassada esta tendência antropocêntrica inicial, abre-se um período de clara predominância zoomórfica, em que se grava uma infinidade de cavalos, com a característica inédita do estilo (ou técnica) da perspectiva distorcida das zonas posteriores. Não há cenas. As figuras parece sobrepor-se anarquicamente, preenchendo todos os espaços, livres ou não, da rocha.

Finalmente, continuando-se ainda e sempre a gravação de cavalos, insculpem-se as armas. Paralelamente, a gravação dos cavalos limita-se agora ao desenho singular da linha cérvico-dorsal. Não fora a evolução tipológica tão clara destes motivos e dificilmente se poderiam considerar estas linhas sinuosas como estilizações de cavalos (conf. p. anterior). Entretanto, as sobreposições indicam-nos que as primeiras armas gravadas foram um pequeno arco, a longa espada ou machete e dois possíveis escudos (reticulados). O último momento de gravação da r. 10 é assinalado pelas lanças e dardos e, muito especialmente, por 4 grandes falcatas, as armas maiores e mais profundamente gravadas do painel. Estas, ocupando grande parte da superfície historiada, sobrepõem-se a todos os restantes motivos.

Nas restantes rochas da estação a evolução é semelhante, notando-se a ausência da 1.^a fase (antropomorfos), e a presença de algumas raras figuras muito posteriores, como duas estrelas de cinco pontas, ainda pouco patinadas.

Menos representativas e devendo pertencer a uma fase ou mesmo a um grupo estilístico anterior, são as gravuras picotadas. Estas são predominantemente constituídas por tipos antropomórficos, quer esquemáticos de membros arqueados e tronco linear, a lembrarem alguns modelos da pintura esquemática, quer semi-esquemáticos, com longos corpos rectangulares e, na sua maioria, fálcos, como o belo conjunto da rocha 4. Outras figuras esquemáticas, como os três exemplares únicos da rocha 11, integram-se numa categoria zoomórfica, devendo representar estilizações de bóvidos (BAPTISTA, 1983, Fig. 16). São os primeiros bucrânios inventariados no Norte de Portugal.

Entretanto, um outro leque de motivos, como pequenos círculos isolados a lembrarem idênticas formas da Arte do Tejo, completam a tipologia das picotagens da estação, mas o conjunto das gravuras do Vale da Casa afasta-se de qualquer das fases estilísticas do nosso mais importante complexo inscultórico (BAPTISTA *et alii*, 1978; BAPTISTA, 1981 b), sendo difícil, neste pequeno grupo de picotados, detectar qualquer influência ou contacto seguro. O estilo, os tipos e a técnica afastam-nos igualmente da gramática figurativa filiforme atrás enunciada. Cremos que os picotados do Vale da Casa, na sua maioria, devem pertencer a um momento anterior à Id. do Ferro, possivelmente a um estágio indeterminado da Id. do Bronze. Poderá também ser esta a fase a que estão ligadas as gravuras do tipo 2, os hipotéticos «afiado-

res». Poderá esta fase conotar-se com o grupo humano que implantou a necrópole de cistas no mesmo local das gravuras? Uma das cistas escavadas deu materiais de tipologia Calcolítica ou do Bronze Antigo. A publicação destas escavações aclarará, porém, melhor este ponto.

3. O SÍMBOLO E O RESTO

Esta “digressão” muito sumariada pela arte do NW, provando, segundo cremos, o seu carácter heterogéneo, traz igualmente alguns dados novos a esta arrastada problemática. À guisa de conclusão e ultrapassando em muito o limite do texto que nos fora solicitado, do que nos penitenciamos, será talvez ainda pertinente enumerar algumas das principais interrogações que a sua leitura poderá suscitar:

- a) Poder-se-á continuar a manter a tese de um longo ciclo no NW, frente a grupos inscultóricos e pictóricos tão diferenciados nas suas tradições, influências e mesmo zonas de expansão tão díspares?
- b) Não virá a descoberta de novos abrigos pintados no Leste transmontano e a sistematização de estações como o Gião e o Tripe, entre outras, fornecer os elementos necessários para uma melhor compreensão das origens ou influências meridionais das gravuras do nosso grupo II?
- c) Poder-se-á ainda continuar a sustentar, como o vem fazendo toda uma arqueologia de base livresca, a tese de que *todos* os cruciformes são medievais ou modernos, quando, pelo menos no N. de Portugal, estações como o Gião, o Tripe, o Outeiro do Salto . . . provam a sua originalidade a partir de tipos antropomórficos imediatamente anteriores?
- d) O ciclo filiforme, nitidamente tardio no Vale da Casa e, até agora, apenas identificado nas zonas mais interiores a Ocidente da Meseta, reflectindo uma grande heterogeneidade nas poucas estações conhecidas, poderá assinalar um grupo paralelo, mas coevo, no nosso grupo II? Se atribuível nos seus inícios a um Bronze Médio, poderá continuar a manter-se uma cronologia tão recuada, como a proposta por S. Júnior e C. Nunes e seus colaboradores, respectivamente para Ridevides e Pedra Letreira, frente à fragilidade das provas por si aduzidas?
- e) Finalmente, um último aspecto, não focado neste trabalho, qual a influência do megalitismo (ou dos megalitismos) na génese ou desenvolvimento dos grupos do Noroeste? Aspecto particularmente importante, a pesquisar em futuros trabalhos, pois será talvez aqui que tradição e invenção mais se confrontam.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- ALVES, P.º F. M., (1934), *Memórias Arqueológico-Históricas do Distrito de Bragança*, IX, Porto.
- ANATI, E., (1964), The rock-carvings of «Pedra das Ferraduras» at Fentans (Pontevedra), *Homenaje al Abate Henri Breuil*, I, Barcelona, págs. 123-132.
- ANATI, E. (1968), *Arte rupestre nelle Regioni occidentali della Penisola Iberica*, Ed. del Centro, Capo di Ponte.
- BAPTISTA, A. M., (1980), Introdução ao estudo da arte pré-histórica do Noroeste Peninsular. I. Gravuras rupestres do Gião, *Mínia*, 2.ª Série, N.º 4, Braga, págs. 80-100.
- BAPTISTA, A. M., (1981 a), A Arte do Gião, *Arqueologia*, 3, Porto, págs. 56-66.
- BAPTISTA, A. M., (1981 b), *A rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo*, Monografias Arqueológicas, 1, Ed. do GEAP, Porto.
- BAPTISTA, A. M., (1981 c), O complexo de gravuras rupestres da Bouça do Colado (Parada-Lindoso), *Giesta*, I (4), Braga, págs. 6-16.
- BAPTISTA, A. M., (1982), A estátua-menir feminina da Ermida (Ponte da Barca), *Arqueologia*, 5, Porto, págs. 67-69.
- BAPTISTA, A. M., (1983), O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8, Porto, págs. 57-69.
- BAPTISTA, A. M., (1984), A Estátua-Menir da Ermida (Ponte da Barca), *O Arqueólogo Português*, Série IV, VOL. II, Lisboa (no prelo).
- BAPTISTA, A. M., M. M. Martins e E. C. Serrão, (1978), Felskunst im Tejo-Tal — S. Simão (Nisa, Portalegre), Portugal, *Madrider Mitteilungen*, 19, págs. 89-111.
- BLÁZQUEZ, J. M., F. Presedo, F. Javier Lomas e J. Fernández Nieto, (1980), *Historia de España Antigua, I, Protohistoria*, Ed. Cátedra, Madrid.
- BREUIL, H. (1921), Les Petroglyphes d'Irlande, Sep.ª de *Rev. Archéologique*.
- BREUIL, H., (1933), *Les Peintures Rupestres Schématisques de la Péninsule Ibérique, III, Sierra Morena*, Impr. de Lagny.
- CABRÉ AGUILO, J., (1916), *Arte rupestre gallego-português (Eira dos Mouros y Cachão da Rapa)*, Mem. da Soc. Port. de Ciências Naturais, II, Lisboa.
- CORTEZ, F. Russell, (1955), Contribución al estudio de la Protohistoria de los «Lusitani» (Entre el Duero y el Tajo), *Archivo Español de Arqueología XXVIII, N.º 91*, 1.º Semestre, Madrid, págs. 90-101.
- CUNHA, Ana M. C. Leite da e E. Jorge L. da Silva, (1980), Gravuras rupestres do concelho de Valença [Monte de Fortes (Tajão), Tapada de Ozão e Monte da Laje], *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular*, II, Guimarães, págs. 121-131.
- FERRO COUSELO, J., (1952), *Los Petroglifos de Término y las Insulturas Rupestres de Galicia*, Orense.
- FORTES, J., (1907), La Spirale Préhistorique et autres signes gravés sur pierre, *Rev. Préhistorique*, 1.º Année (1906), 10, Paris, Sep.ª de 16 págs.
- GARCÍA ALÉN, A. e A. de la Peña Santos, (1980), *Grabados rupestres de la provincia de Pontevedra*, Ed. da Fundación «Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa», Pontevedra.

- GIRÃO, A., (1925), Arte rupestre em Portugal (Beira Alta), *Biblos*, I (3), págs. 81-95.
- JORGE, S. O., V. O. Jorge, C. A. F. de Almeida, M. J. Sanches e M. T. Soeiro, (1981), Gravuras rupestres de Mazouco, *Arqueologia*, 3, Porto, págs. 3-12.
- JORGE, S. O., V. O. Jorge, C. A. F. de Almeida, M. J. Sanches e M. T. Soeiro, (1982), Descoberta de gravuras rupestres em Mazouco, Freixo de Espada-à-Cinta (Portugal), *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, Salamanca, págs. 65-70.
- JORGE, V. O., (1982), Gravuras Portuguesas, *Col. Intern. sobre Arte Esque. de la Pen. Ibérica*, Ponencia V, Salamanca, 20 págs.
- LEROI-GOURHAN, A., (1971), *Les Religions de la Préhistoire (Paléolithique)*, Paris, P.U.F., 2.^a Ed., 154 págs.
- LEROI-GOURHAN, A., (1982), *Les Racines du Monde. Entretien avec Claude-Henri Rocquet*, Pierre Belfond Ed., Paris, 300 págs.
- LÓPEZ CUEVILLAS, F., (1943), Las insculturas del Outeiro da Cruz, *Bol. del Museo Arq.^o Prov. de Orense*, I, págs. 95-101.
- MacWHITE, E., (1951), *Estudios sobre las relaciones atlánticas de la Península Hispánica en la Edad del Bronce*, Madrid.
- MALLO VIESGA, M. e M. Perez-Perez, (1971), Pinturas rupestres esquemáticas en Fresnedo Teverga (Astúrias). Avance a su estudio, *Zephyrus*, XXI-XXII (1970-1971), Salamanca, págs. 105-138.
- NUNES, J. de Castro, A. N. Pereira e A. Melão Barros, (1959), *A Pedra Letreira*, Publ. do Museu da Câmara Municipal de Góis, Góis.
- PEÑA SANTOS, A. de la, (1976), Antropomorfos en el Arte Rupestre Prehistorico Gallego, *El Museo de Pontevedra*, XXX, págs. 143-175.
- PEÑA SANTOS, A. de la e J. M. Vázquez Varela, (1979), *Los Petroglifos Gallegos*, Ed. do Castro, La Coruña.
- SANTOS JÚNIOR, J. R., (1940), Arte Rupestre, *Congr. do Mundo Português*, I, Lisboa, págs. 327-376, 18 Ests.
- SANTOS JÚNIOR, J. R., (1963), As gravuras litotripticas de Ridevides (Vilarica), *Trab. de Antr. e Etnologia*, XX (2), Porto, págs. 111-144, 18 Ests.
- SILVA, C. T. da (1980), As gravuras rupestres de Lufinha. Dois motivos labirínticos da região de Viseu, *Actas do I Sem. Arq. do NW Pen.*, II, págs. 155-169.
- SOBRINO LORENZO-RUZA, R., (1952), Origen de los Petroglifos Gallego-Atlánticos, *Zephyrus*, III, págs. 125-149.
- SOBRINO LORENZO-RUZA, R., (1955), Datos para el estudio de los petroglifos de tipo atlántico, *Actas do III Congr. Arq. Nac.*, Zaragoza, págs. 223-260.
- SOBRINO LORENZO-RUZA, R., (1956), Bosquejo para un estudio de los petroglifos Portugueses, *Caesaraugusta*, 7-8, Zaragoza, págs. 49-65.
- SOUTO, A., (1932), Arte rupestre em Portugal (Entre Douro e Vouga). As insculturas da serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiralóides no noroeste peninsular, *Trab. da Soc. Port. de Antr. e Etnologia*, V (4), Porto, Sep.^a de 16 págs.
- VASCONCELOS, J. Leite de, (1910), Esculturas pré-históricas do Museu Etnológico Português, *O Archeólogo Português*, XV, Lisboa, págs. 31-39.

Braga, Agosto/Setembro 1983



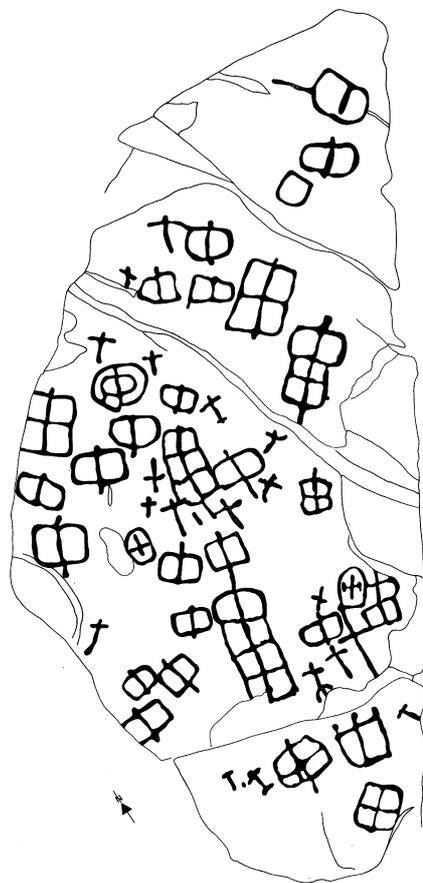
Estátua-Menir feminina da Ermida (Ponte da Barca). Gravada apenas no anverso, apresenta, para além de um expressivo rosto, com olhos, arcadas supraciliares, nariz, boca e orelhas (o que é raro), enquadrados em largo traço facial, dois seios concebidos segundo o estilo e técnica de gravação do grupo I do Noroeste, ambos através de dois círculos concêntricos com cóvina central. Os ombros, alteados em alto relevo, acentuam a expressividade antropomórfica do monumento, cuja conceptualização geral, paralelizada com o idóliiforme central da Fig. anterior, nos parece evidente.



Desenho planimétrico da rocha 1 da Bouça do Colado (Lindoso, Ponte da Barca). De notar o lugar central do idóliiforme, à volta do qual se distribuem os restantes motivos, um expressivo conjunto que evidencia uma intencional organização ou «arquitetura do espaço» em forma de «composição monumental». (As linhas perpendiculares, tracejadas a vermelho, assinalam os eixos maior e menor da plataforma superior, delimitada igualmente na mesma cor).



1



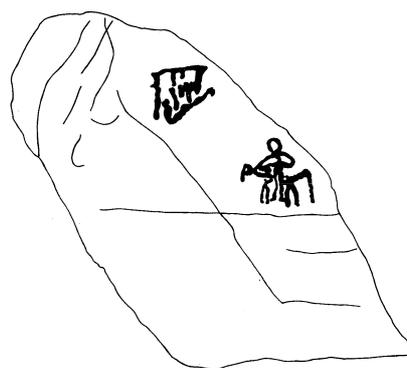
2

Gião 1
Rocha 15
0 30cm



3

0 30cm



4

0 30cm

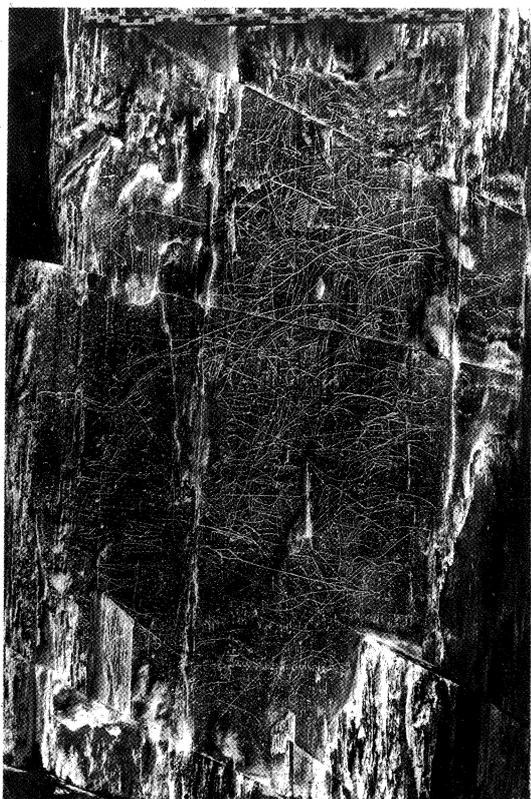
- 1 — Gião (Arcos de Valdevez). Pormenor da rocha grande (17), onde é perceptível uma figura antropomórfica de tipo *fi*, com mão direita naturalisticamente marcada pela palma e cinco dedos. Para além de outras provas, há muito evidenciadas por Breuil, para a caracterização antropomórfica dos motivos em *fi* e seus derivados, esta gravura, com um atributo anatómico tão claro, é suficientemente esclarecedora, acentuando essa riquíssima variante tipológica dos antropomorfos em *fi*, cujas estilizações podem atingir formas altamente abstractas.
- 2 — Gião, Rocha 15. Predominância de reticulados e *fis*, uma constante nesta estação. Ao centro, dois, cruciformes sobrepõem-se a traços da retícula.
- 3 — Tripe (Mairos, Chaves). Rocha 1. De notar a distribuição aleatória das figuras, preenchendo todos os espaços vazios da superfície granítica.
- 4 — Tripe, Rocha 13. Neste conjunto, de traços muito gastos, destaca-se a única figura montada da estação, um tema compositivo raro nas gravuras do grupo II. De notar o convencionalismo dos braços e tronco do cavaleiro, esquematizados como nas figuras em *fi*, comuns na estação.



1



2



3



4

- 1 — Tripe, Rocha 24. Figura de tipo *fi*, cujos atributos na zona superior da cabeça (toucado?) se poderão relacionar com idênticos motivos da pintura esquemática.
- 2 — Tripe, Rocha 6. Um dos mais sugestivos painéis com várias combinações antropomórficas de tipo *fi*.
- 3 — Vale da Casa (Vila Nova de Foz Coa). Rocha 10. A desmontagem das sobreposições desta notável superfície historiada, permitiu compreender a evolução da fase filiforme do complexo. Note-se a predominância das figuras de cavalos e a grande profusão de linhas cérico-dorsais simples, especialmente a meio da rocha. As armas, nomeadamente as grandes falcatas, da metade superior do painel, representam a fase final de gravação.
- 4 — Vale da Casa. Rocha 15. Ao alto, um cavalo, cujo estilo arcaico, se liga, não obstante, à Idade do Ferro.

Est. IV



VALE DA CASA
Rocha 23

0 15cm

Vale da Casa, Rocha 23. Grande painel com gravuras de técnica filiforme e picotagens. Estas, figuram 2 podomorfos humanos, um dos quais segmentado. A parte inferior da rocha contém, no entanto, a mais sugestiva cena descoberta em toda a estação, com uma movimentada cena de caça ao veado, onde intervêm um cavaleiro, de dardo no ar, e vários cães. Lateralmente, uma inscrição em caracteres de tipo Ibérico, poderá também estar relacionada com esta cena.

(Fotografias do autor. Redução dos desenhos de Ana Pinto).